

As quatro formas estruturais e as funções psicológicas

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Leitura: “Do mesmo modo como as quatro funções psicológicas básicas, a mulher contém na sua constituição, todas as quatro formas estruturais, e quando possível, realiza aquela que corresponde mais à sua natureza; com o passar do tempo emergirá de dentro também uma segunda.”

Aqui precisamos apontar que em certos textos junguianos não aparece, tão nitidamente como aqui, que, em relação às quatro funções, temos uma função que é superior, outra função oposta – a inferior. Além disso, temos uma função auxiliar, e uma quarta função. Não se trata de permanecer nesta configuração de funções até o fim da vida porque, por ex., uma unificação, uma, não tanto mescla, quanto enriquecimento da função superior com a função auxiliar, e mais tarde com a terceira função, é uma meta, pertence ao processo da individuação.

Naturalmente será muito mais difícil depois enquadrar a quarta função – que é a função inferior – no todo, mas aqui Jung mostra, especialmente no Seminário das Visões, como a gente deve (ao se integrar nas suas funções), mantendo a função superior e utilizando a função auxiliar em certos momentos, deixar que a função inferior tenha também o seu papel.

Não sei se lembram, logo no começo do Seminário das Visões ele diz que quando a gente não encontra solução na consciência para o conflito entre opostos, a terceira possibilidade não se dá (Jung usa a locução latina “tertium non datur”). Esta só aparece quando dinamismos inconscientes estão envolvidos, e muitas vezes é fornecida de uma maneira inesperada. Então, desse modo, podemos imaginar como Toni Wolff está apresentando e propondo que essas quatro formas estruturais existem, da mesma maneira como as quatro funções, em cada mulher. E, certamente, uma forma estrutural que corresponde mais à sua índole básica, ao seu estilo, será predominante. Com o tempo, de uma maneira mais programada do que nas funções, vai aparecer a segunda forma estrutural para ser integrada; a terceira estrutura para ser integrada e, no fim, mesmo

oferecendo dificuldades e criando dificuldades, a quarta também não deve ser deixada ao largo.

Então, isto, do ponto de vista terapêutico, é um grande consolo, porque, muitas vezes, os pacientes apresentam uma situação tão emaranhada, tão unilateralmente distorcida, que o terapeuta começa a duvidar quanto à sua capacidade de lidar com tal e tal situação. Mas, é para saber: se se trata de uma mulher, tanto as funções, como as estruturas tendem a uma integração. Se for um homem, onde não lidamos com as estruturas (porque ninguém escreveu por enquanto sobre os homens, desta maneira), nesse caso sabemos que as funções podem ser sempre mais e mais assimiladas e, como foi agora mencionado, a função inferior poderá ter também a sua vez, ou as suas vezes, quando as outras três funções não correspondem à necessidade do momento e aos problemas. A mesma coisa ocorre em ambos os sexos com relação à disposição introvertida e extrovertida. Temos nossa disposição básica e temos a outra disposição no inconsciente, mas, de vez em quando, surge também a necessidade, como a gente notou especialmente depois da guerra, que a disposição inconsciente, exatamente em função da bagunça e caos e tudo que ocorreu depois da guerra, sabia conduzir muito melhor a reorganização fisiopsíquica, não só de pessoas, como de famílias ou comunidades maiores, do que, eventualmente, uma atitude consciente superior maravilhosa que, porém, não funcionava dentro da situação, onde tudo estava desmoronado e não houve parâmetros adequados a que a gente pudesse recorrer e utilizar para essa finalidade.

A gente notou em estados extremos, em estados excepcionais, em relação com grandes movimentações ou populares, ou militares, guerras, ou situação pós-guerra, o irromper do oposto do inconsciente. Então, Toni Wolff aponta que a quarta estrutura, como a quarta função, em certos momentos, pode, até inesperadamente, irromper e tomar a direção, ou começar a funcionar. Agora, isto é algo, porém, com que nós não podemos contar e não podemos forçar, porque sempre a quarta função, como a quarta estrutura, é tão oposta à situação vigente que ao surgir na consciência provoca uma crueza constrangedora. Forçar essa quarta dimensão para que apareça à tona é, certamente, desastroso, inoperante, contraproducente. E aqui podemos saber e devemos saber que essa quarta dimensão, seja função, seja estrutura, eclode quando for necessário. Isso não é questão de fé, é questão de experiência. Quem teve certa experiência com isto até sabe que nesses momentos, em vez de forçar o emergir de certos conteúdos, ou certos dinamismos, ou certas imagens, ou qualquer coisa que aconteça, temos que soltar-nos e, com uma determinada calma, não imposta, não artificial, aguardar até que desse lado, dessa categoria, apareça uma manifestação. Isso podemos notar, muitas vezes, em pacientes que vão embora, em certo dia da semana e a

gente pensa: meu Deus, o que faço agora porque a coisa não vai bem. O paciente, nos próximos dias, em qualquer dia, experimenta algo, passa por algo, depara-se com algo, esbarra-se com algo, que faz emergir essa função e faz atuar.

É uma atitude que, neste caso, porém, é válida. Não forçamos, não podemos forçar, mas podemos, para nós, não para o paciente, nos conscientizar do fato que eventualmente seria necessário que a quarta função comece a atuar. Já que estamos em constante contato com todos os nossos pacientes por vias conscientes, inconscientes e por vias mistas conscientes/inconscientes, inconscientes/conscientes, esta nossa conscientização do fato que contamos, se for necessário, se é o caso, com a atuação da quarta função, será atendida. Não devemos forçar nada e não vai ocorrer assim como nós gostaríamos ou nós imaginaríamos. Agora, como disse, essa é questão de segurança interna, nem precisa ser fé, nem precisa ser, vamos dizer, uma muito especial dedicação a uma ideia transcendental, qualquer coisa. Pode ocorrer de modo totalmente objetivo, mas seguro.

Essas estruturas que Toni Wolff elaborou para as mulheres, na realidade representam muito mais do que apenas estruturas femininas para uma existência porque a assimilação de uma estrutura depois da outra e até a integração do oposto, de certa maneira, criará um conjunto feminino, um conjunto existencial feminino em que essas quatro estruturas atuam como os quatro pontos cardeais. É quase o início do desenvolvimento de uma multilateralidade e o desenvolvimento daquilo que atrás de tudo isso figura como a destinação do feminino, a destinação da existência feminina.